

Catálogo: I Mostra de Serigrafia s do Museu Nacional de Belas Artes,  
Data: Dezembro - 1972  
Local: Rio de Janeiro

Aloísio Zaluar - Abelardo Zaluar - Ana Leticia - Benevento - Bruno Tautz -  
Celestino - Djanira - Di Cavalcante - Dionísio del Santo - Edith Behring  
- Frank Schaeffer - Farnese - Glauco Rodrigues - Gastão M. Henrique -  
Ivan Serpa - Jasmin - José Paulo M. Fonseca - José de Lima - Júlio Plaza -  
João Henrique - Maiolino - Marqueti - Noélia de Paula - Neusa d'Arcanhy -  
R. Miranda - Rubens Gerchmann - Regina Vater - Renina Katz - Ricardo Gati -  
Rinaldi C. - Rachel Strosberg - Scliar - Sônia Castro - Simas - Silvio Telles  
- Sued - Serra Soutinho - Tereza Miranda - Urian - Vera Duarte - Vergara -  
Waldir Matos.

Silk - screen (peneira de sêda) ou Serigrafia (sericum-sêda +  
grafia)

Arte gráfica: apesar de sua origem antiga, a serigrafia é o  
mais recente ou moderno processo de impressão desenvolvido principalmente nos  
EE.UU e na Europa, a partir de 1920, e atualmente em expansão por todas as par-  
tes do mundo.

Oferece recursos de inigualável riqueza, tanto no referente à  
variedade das tintas que utiliza, tanto no referente à variedade das tintas que  
utiliza: opacas ou transparentes, foscas ou brilhantes, fluorescentes, vinílicas,  
para cerâmica, para tecidos, etc., como na multiplicidade dos suportes à imprimir:  
papel, papelão, madeira, duratex, vidro, metal, plásticos, etc., ou ainda quanto ao  
material técnico fundamental: telas metálicas, de nylon, de sêda, monil de várias  
espessuras, sobre as quais as matrizes poderão ser confeccionadas manualmente atra-  
vés de películas de recorte, ou pelo processo fotográfico, com possibilidades de  
transposição de finos e exatos detalhes.

Como processo gráfico, amplamente utilizado pela indústria, essa  
técnica apresenta uma tendência evolutiva inclinada para precisão e rapidez na re-  
produção de um projeto pre-elaborado, ou ainda, para requintes publicitários e ser-  
vico de finalidades práticas: econômicas e de divulgação.

Gravura: a serigrafia nos interessa, acima de tudo, como processo  
de gravura, ou melhor, criativo. Sob este foco, é uma técnica aberta que pode ofe-  
recer um campo de experiências ilimitadas, tanto no referente à confecção das ma-  
trizes como no emprego das tintas.

Por seus grandes recursos e pela pujança de cor das superfícies  
impressas, essa técnica vem despertando um interesse crescente entre os artistas  
plásticos, os quais a utilizam, não apenas com o interesse de reproduzir e divul-  
gar os seus trabalhos, mas também com finalidades especificamente criativas.



A serigrafia criadora elabora-se na aliança entre uma estrutura inicial de formas - esquema gráfico, o qual orienta na confecção das matrizes e as possibilidades quase infinitas das cores, as quais, ao serem despejadas, através das matrizes, nas áreas dessa estrutura, a vivificam qual mágico sangue, ou a vibrentam em explosão criativa. Assim, a cor pode alterar de modos imprevisíveis o sentido plástico do esquema inicial e nos conduz ao experimental e lúdico.

O artista, criador do projeto, tentara filtrar o espírito singular de sua arte e conseguir, através da técnica serigráfica, o que não poderia obter com o recurso do pincel. Sob este ponto a técnica não é simplesmente um meio, mas um fator que apresenta chances evolutivas.

Permanecendo nos limites essenciais da natureza técnica, isto é, evitando os grafismos casuais, o artista podera explorar as possibilidades das permutações ou as texturas materiais de cor puramente serigráficas, as superposições transparentes, ou os efeitos vibratórios e visuais de retículas, veladuras sobre superfícies semi-húmidas, etc. É um domínio quase inexplorado que se oferece ao poder inventivo do artista, como um campo de pesquisas surpreendentes.

Divulgação: é possível que o artista seja impelido ao ato criador por uma necessidade fundamentalmente fisiológica, mas, uma vez elaborada, a obra ganha e reflete uma fagulha espiritual e universalista. Daí a importância do fator divulgação.

A serigrafia, ao multiplicar essa obra através da triagem, desempenha uma função coletiva. A criação plástica de um determinado autor, ao ser vista com maior circunstância e mais amplamente - ao mesmo tempo em que se queima ou se gasta - serve à finalidade de difusora ou criadora de cultura, e fecunda a imaginação coletiva.

DIONÍSIO DEL SANTO - 1972.

Notas:                   Trabalhos de vários artistas executados por Diónisio Del Santo.  
                              ( Serpa )